



O uso das redes sociais e o nível de conhecimento sobre métodos preventivos e Infecções Sexualmente Transmissíveis

The use of social networking and the level of knowledge about preventive methods and Sexually Transmitted Infections

El uso de redes sociales y el nivel de conocimiento sobre métodos preventivos e Infecciones de Transmisión Sexual

André Felipe Batistussi¹, Kadija Rahal Chrisostomo², Aline Teixeira Alves³, Renato Mitsunori Nisihara⁴.

RESUMO

Objetivo: Avaliar o uso das redes sociais e o nível de conhecimento sobre métodos preventivos e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em mulheres. **Métodos:** Estudo transversal analítico, envolvendo 400 mulheres divididas em dois grupos: G1 (n=182) e G2 (n=218). **Resultados:** A mediana de idade do G1 foi de 17 anos, enquanto do G2 foi de 27 anos. O G1 passou mais tempo no celular, com uma mediana de 7,55 horas por dia em comparação com 6,83 horas do G2 (p=0,091). Mais de 95% das participantes tinham acesso à internet, e 76,9% das participantes do G1 e 82,1% das participantes do G2 buscaram informações sobre gravidez nas redes sociais, sem diferença significativa entre os grupos. Entre as redes sociais, o G1 utilizou mais o WhatsApp (91,2%) e o Facebook (76,9%), enquanto o G2 preferiu o WhatsApp (91,2%) e o Instagram (80,3%). Além disso, a sífilis foi diagnosticada em cerca de 1 em cada 20 mulheres em ambos os grupos. **Conclusão:** Observou-se um alto uso de redes sociais por meio de dispositivos móveis e ambos os grupos declararam ter amplo acesso à internet e conhecimento sobre contracepção e prevenção de ISTs, apesar da alta prevalência de casos de sífilis em ambos os grupos.

Palavras-chave: Redes sociais online, Gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis.

ABSTRACT

Objective: To evaluate the use of social networks and the level of knowledge about preventive methods and sexually transmitted infections (STIs) in women. **Methods:** Analytical cross-sectional study involving 400 women divided into two groups: G1 (n=182) and G2 (n=218). **Results:** The median age of G1 was 17 years, while that of G2 was 27 years. G1 spent more time on their cell phones, with a median of 7.55 hours per day compared to 6.83 hours in G2 (p=0.091). More than 95% of the participants had access to the internet, and 76.9% of G1 participants and 82.1% of G2 participants sought information about pregnancy on social networks, with no significant difference between the groups. Among social networks, G1 used WhatsApp (91.2%) and Facebook (76.9%) the most, while G2 preferred WhatsApp (91.2%) and Instagram (80.3%). In addition, syphilis was diagnosed in approximately 1 in 20 women in both groups. **Conclusion:** There was a high use of social networks via mobile devices and both groups reported having broad access to the internet and knowledge about contraception and STI prevention, despite the high prevalence of syphilis cases in both groups.

Keywords: Online social networking, Pregnancy in adolescence, Sexually Transmitted Diseases.

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba - PR.

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Curitiba - PR.

³ Universidade de Brasília (UnB), Brasília - DF

⁴ Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná (FEMPAR), Curitiba - PR.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar el uso de redes sociales y el nivel de conocimientos sobre métodos preventivos e infecciones de transmisión sexual (ITS) en mujeres. **Métodos:** Estudio transversal analítico, en 400 mujeres divididas en dos grupos: G1 (n=182) y G2 (n=218). **Resultados:** La mediana de edad del G1 fue de 17 años, mientras que la del G2 fue de 27 años. G1 pasó más tiempo en su teléfono móvil, con una mediana de 7,55 horas diarias, frente a las 6,83 horas del G2 ($p=0,091$). Más del 95% de los participantes tenían acceso a Internet y el 76,9% de los participantes del G1 y el 82,1% de los participantes del G2 buscaron información sobre el embarazo en las redes sociales, sin diferencias significativas entre los grupos. Entre las redes sociales, G1 fue el que más utilizó WhatsApp (91,2%) y Facebook (76,9%), mientras que G2 prefirió WhatsApp (91,2%) e Instagram (80,3%). Además, se diagnosticó sífilis en aproximadamente 1 de cada 20 mujeres en ambos grupos. **Conclusión:** Hubo un alto uso de redes sociales a través de dispositivos móviles y ambos grupos reportaron tener amplio acceso a internet y conocimientos sobre anticoncepción y prevención de ITS, a pesar de la alta prevalencia de casos de sífilis en ambos grupos.

Palabras clave: Redes sociales en línea, Embarazo en adolescencia, Enfermedades de Transmisión Sexual.

INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (2021), houve aumento entre 2019 e 2021 (de 89% para 93,4%) no número de jovens com idades entre 9 e 17 anos que acessaram redes sociais. O acesso à internet e o uso de smartphone é praticamente universal entre os jovens, sendo que tais tecnologias também podem afetar negativamente a atividade acadêmica, as relações familiares e o desenvolvimento emocional dos adolescentes (MARTINS MV, et al., 2020). Com a internet, os jovens podem ter acesso às informações sobre saúde sexual e alguns autores demonstraram que esse acesso pode influenciar de forma significativa seus comportamentos e decisões: (MOHAMAD SHAKIR SM, et al., 2020).

Espera-se também que possam melhorar o conhecimento em geral, sobre prevenção de gravidez e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) (ALHASSAN RK, et al., 2019; DECKER MJ, et al., 2020). Por outro lado, pode ter impactos negativos em seu bem-estar físico e mental, devido aos riscos potencialmente associados ao ambiente online. Pais, professores, e profissionais de saúde, estão preocupados com essa questão, no entanto, existe escassez de evidências científicas sobre o assunto (TAMARIT A, et al., 2021).

A gravidez na adolescência é um tema de grande importância, seja pelas suas repercussões físicas e emocionais na vida da mulher e/ou por gerar problemas sociais e econômicos, principalmente em populações mais vulneráveis (COSSÍO-ARANDA JE, et al., 2020). Alguns fatores favorecem gravidez na adolescência, tais como renda, escolaridade, falta de educação sexual, ausência ou dificuldade de acesso a métodos contraceptivos, aspectos culturais, religião, histórico familiar, iniciação sexual precoce, entre outros (FRANCISCONI CAJ e TORRES EC, 2014). Independente da idade, as ISTs, em particular a sífilis apresentaram nos últimos anos altas taxas de detecção em gestantes no Brasil. A sífilis congênita, entre 2011 e 2017, cresceu em média 17,6%, ficando estável nos anos seguintes e aumentando no ano de 2021 para 16,7% (BRASIL, 2022a).

No Brasil, existem poucos estudos quantitativos sobre como o uso das redes sociais e o nível de conhecimento sobre métodos preventivos e ISTs com mulheres adolescentes e adultas. Dessa forma, esse estudo teve como objetivo avaliar o uso das redes sociais e o nível de conhecimento sobre métodos preventivos e infecções sexualmente transmissíveis em mulheres puérperas adolescentes e adultas, identificando as plataformas mais acessadas. Adicionou-se uma pergunta sobre o envio de fotos íntimas na intenção de analisar o risco para a exposição sexual nas redes sociais.

MÉTODOS

Desenho do estudo

Trata-se de uma pesquisa com delineamento transversal analítico e amostra por conveniência. O estudo foi realizado no setor de alojamento conjunto da maternidade de um hospital universitário do estado do

Paraná. Este local trata-se de um centro de atenção terciária de referência para acompanhamento de gestação de risco habitual e alto risco pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

A coleta de dados ocorreu entre setembro de 2020 a novembro de 2022 e foram utilizados dados secundários retirados dos prontuários das participantes e a aplicação de questionário consultando sobre a utilização das redes sociais para as mulheres que estavam internadas no hospital nesse período.

Constituição da amostra

As participantes foram recrutadas e divididas em dois grupos, de acordo com a faixa etária:

a) **Grupo 1 (G1):** adolescentes com idades entre 10 e 19 anos completos que tiveram seus bebês na maternidade no período citado acima.

b) **Grupo 2 (G2):** mulheres primíparas com idades igual e/ou superior a 25 anos que tiveram seus bebês na maternidade no período citado acima.

Os critérios de inclusão foram para o grupo 1 G1: puérpera adolescente com idade entre 10 e 19 anos hospitalizada na maternidade, acompanhada por familiar ou o genitor, disposta a participar do estudo, após assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para o grupo 2 G2 : puérpera com idade igual ou superior a 25 anos, hospitalizada na maternidade, disposta a participar do estudo assinando o TCLE.

Foram excluídos os questionários com mais de 20% dos dados incompletos, perda neonatal ou situações de estresse intenso por algum motivo, distúrbio psiquiátrico grave, complicações decorrentes dos partos, outra nacionalidade que não brasileira.

Variáveis coletadas do prontuário

Os dados secundários para a triagem e seleção das participantes da pesquisa foram coletados dos prontuários utilizando-se o número de registro, idade, paridade e dados obstétricos sobre o pré-natal, doenças na gravidez, e dados do pós-parto. Após essa triagem inicial, as participantes eram convidadas a responder o segundo questionário elaborado pelos autores.

Questionário

O instrumento de coleta de dados foi elaborado pelos pesquisadores especificamente para os propósitos desta pesquisa e consistiu em um questionário que foi aplicado por um pesquisador, sendo que as adolescentes estavam acompanhadas de um adulto responsável no momento da aplicação. O questionário apresentava questões de múltipla escolha, dicotômicas, com resposta única, tipo matriz, ranking.

As entrevistas foram presenciais com duração média de 10 minutos e conduzidas pelos pesquisadores. Foram coletados dados sociodemográficos tais como: etnia; estado civil; escolaridade; benefício social; média salarial; fonte de renda; regime de ocupação; quantas pessoas residem na casa; de onde vem a água para beber; destino do lixo; acesso à internet e religiosidade. As perguntas formuladas sobre o tema: uso das redes sociais, foram específicas quanto a:

- Acesso à internet, se tinha acesso e por qual meio utilizava as redes sociais;
- Tempo de uso do celular por dia, foi solicitado que a participante estimasse uma média e foram convidadas a olhar o tempo de uso registrado nos aparelhos celulares;
- Rede social mais utilizada diariamente, com um checklist das redes sociais e marcação por ranqueamento;
- Se recebeu / buscou informações sobre gravidez nas redes sociais e/ou ISTs;
- Questionamentos sobre o envio de nudes;
- Perguntas relacionadas a concepção e ISTs, se alguma participante apresenta ou já apresentou alguma ISTs.

Todas as questões do questionário foram idênticas para os dois grupos. A coleta de dados ocorreu presencialmente e o registro dos dados ocorreu no Google Forms, com posterior exportação dos dados para o Excel e SPSS.

Análise estatística

As análises estatísticas foram realizadas com o auxílio do programa SPSS versão 17,0[®]. Para a avaliação da normalidade dos dados aplicou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov e observou-se uma distribuição não normal. As variáveis contínuas foram expressas como mediana e intervalo interquartil (IIQ) e comparadas com o teste não paramétrico Mann-Whitney. As variáveis categóricas foram expressas em porcentagem e comparadas com o teste exato de Fisher ou Qui-quadrado, conforme adequado. Utilizou-se o nível de significância de 0,05, sendo que valores inferiores e iguais foram considerados estatisticamente significativos.

Aspectos éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, com número CAAE: 35259420.6.0000.0096 e número de parecer 4.272.267. Importante relatar que seguindo a Resolução CNS 466/2012, todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e no caso de menores de idade, o TCLE foi assinado pelo responsável e as menores assinaram o Termo de Assentimento (TA). Foi assegurada a confidencialidade às entrevistadas e garantido o anonimato das informações obtidas.

RESULTADOS

Durante o período de setembro de 2020 a novembro de 2022, foram coletados dados de 400 participantes que estavam internadas no hospital em questão no período do puerpério imediato. Dessas 400 participantes, nenhuma foi excluída do estudo. A divisão dos grupos ocorreu por faixa-etária e foram incluídas 182 adolescentes no grupo 1 (G1) e 218 mulheres adultas no grupo 2 (G2). A **Tabela 1** disponibiliza os dados sócio-demográficos das mulheres incluídas nos 2 grupos de estudo. No grupo 1 (G1), a mediana de idade foi de 17 anos (IIQ=16-18 anos), sendo que a idade mínima registrada para esse grupo foi de 13 anos. Já no grupo das mulheres adultas G2, a mediana de idade foi de 27 anos (IIQ=25-30 anos) e a mulher com maior idade tinha 43 anos.

Tabela 1 - Características sociodemográficas das participantes, n = 400.

Características Sociodemográficas	Grupo 1 (N=182)		Grupo 2 (N=218)		Valor de p
	n	%	n	%	
Religiosidade					
Católica	40	22,0	89	40,8	<0,0001
Evangélica	79	43,4	77	35,3	
Outras	5	2,7	10	4,8	
Sem religião	58	31,9	42	19,3	
Etnia					
Branca	110	60,4	143	65,6	0,682
Negra	19	10,4	22	10,1	
Amarela	14	7,7	12	5,5	
Indígena	39	21,4	41	18,8	
Estado civil					
Solteira	57	31,3	34	15,6	<0,0001
Casada / amasiada	125	68,7	184	84,4	
Escolaridade					
Ensino fundamental	50	27,5	6	2,8	<0,0001
Ensino médio	126	69,2	107	49,1	
Ensino Superior	6	3,3	105	48,2	
Média salarial					
Menos de 1 SM	17	9,3	7	3,2	<0,0001

Até 2 SM	74	40,7	39	17,9
De 2 a 4 SM	70	38,5	100	45,9
De 4 a 10 SM	19	10,4	64	29,4
De 10 a 20 SM	2	1,1	8	3,7

Fonte: Batistussi AF, et al., 2025.

A **Tabela 2** apresenta informações sobre o uso das redes sociais. Observou-se que o grupo 1 (G1) utilizou o celular por mais tempo, com mediana do tempo de uso diário de 453,3 minutos (IIQ= 240,0-600,0) ou 7,55 horas (IIQ= 4-10). Dentre as participantes adultas (G2), a mediana de tempo de uso foi 410 minutos (IIQ=240,0-600,0) ou 6,83 horas (IIQ= 4-10), apresentando um nível de significância de $p=0,091$.

Quando questionadas se fizeram buscas nas redes sociais sobre gravidez, 76,9% das participantes do G1 e 82,1% das participantes do G2 declararam ter buscado tais informações, não observando diferença entre os grupos. Para a pergunta sobre o envio de fotos íntimas (nudes) por meio de seus celulares, observou-se que 36,3% das participantes do G1 relataram ter enviado em algum momento fotos íntimas e 30,7% das participantes do G2 também, não havendo diferença significativa entre os grupos, $p=0,24$.

Tabela 2 - Uso de redes sociais pelos grupos estudados, n=400.

Redes Sociais	Grupo 1 (N=182)		Grupo 2 (N=218)		Valor de p
	n	%	n	%	
Facebook					
Não	42	23,1	72	33,0	0,028
Sim	140	76,9	146	67,0	
WhatsApp					
Não	16	8,8	5	2,3	0,006
Sim	166	91,2	213	97,7	
Youtube					
Não	102	56,0	126	57,8	0,724
Sim	80	44,0	92	42,2	
Instagram					
Não	55	30,2	43	19,7	0,015
Sim	127	69,8	175	80,3	
Twitter					
Não	163	89,6	209	95,9	0,017
Sim	19	10,4	9	4,1	
Tem acesso à internet (mesmo que por celular)					
Sim	173	95,1	216	99,1	0,27
Não	9	4,9	2	0,9	
Quanto tempo você utiliza o celular por dia (minutos)?					
Mediana [intervalo interquartil]	453,3	[240,0-600,0]	410,7,0	[240,0-600,0]	0,091
Você já enviou nudes?					
Sim	66	36,3	67	30,7	0,242
Não	116	63,7	151	69,3	

Fonte: Batistussi AF, et al., 2025.

A **Tabela 3** disponibiliza os dados sobre a gravidez, o nível de conhecimento sobre os métodos contraceptivos e sexualidade entre as participantes. Para ambos os grupos, a gravidez não foi planejada, embora a maioria das participantes tenha declarado possuir alto conhecimento sobre os métodos contraceptivos, porém, observou-se que o grupo 2 apresentou um nível de conhecimento mais alto quando comparado com o grupo 1 ($p<0,0001$).

A mediana de idade da menarca (1ª menstruação) e sexarca (início da vida sexual) foi significativamente menor entre as adolescentes G1 ($p<0,0001$). Quando questionadas se já chegaram a pensar em realizar o aborto, 17,6% das participantes do G1 e 7,3% das participantes do G2 ($p=0,002$) responderam que "sim".

Tabela 3 - Concepção, métodos contraceptivos e sexualidade, n=400.

Variáveis	Grupo 1 (N=182)		Grupo 2 (N=218)		Valor de p
	n	%	n	%	
A sua gravidez atual foi intencional?					
Sim	49	26,9	94	43,1	0,001
Não	133	70,37	124	56,88	
Conhecimento sobre os métodos contraceptivos					
Alto	117	64,3	183	83,9	<0,0001
Médio	52	28,6	34	15,6	
Pouco	13	7,1	1	0,5	
Você sabia que poderia engravidar após uma relação sexual sem uso de contraceptivo(s)?					
Sim	180	98,9	217	99,5	0,460
Não	2	1,09	1	0,45	
Com que idade você menstruou pela primeira vez? (anos)					
Mediana [IIQ]	12,0	[11,0-13,0]	13,0	[12,0-14,0]	<0,0001
Com que idade você teve a sua primeira relação sexual? (anos)					
Mediana [IIQ]	14,0	[13,0-15,0]	17,0	[16,0-18,0]	<0,0001
Quantos parceiros você já teve desde que iniciou sua vida sexual?					
Mediana [IIQ]	3,0	[1,0-5,0]	4,0	[3,0-8,0]	<0,0001
Já realizou aborto					
Sim	2	1,1	2	0,9	0,856
Não	180	98,90	216	99,08	
Já pensou em realizar um aborto					
Sim	32	17,6	16	7,3	0,002
Não	150	82,41	202	92,66	

Fonte: Batistussi AF, et al., 2025.

A **Tabela 4** disponibiliza dados sobre o conhecimento das ISTs e se já apresentou alguma infecção. Novamente, ambos grupos afirmaram saber o que são ISTs. Mais de 70% das participantes do grupo 2 afirmaram ter alto conhecimento sobre ISTs. Quanto as infecções mais reportadas, HIV e a sífilis foram as ISTs mais prevalentes entre os grupos, chamando a atenção a alta prevalência de casos de sífilis (1:20 casos entre as participantes grupo 1 e 1:25 entre as participantes do grupo 2). Ressalta-se que o hospital é um centro de referência no tratamento de HIV da região. De acordo com os dados registrados nos prontuários, todos os casos de HIV estavam em tratamento bem como os casos de sífilis, que foram diagnosticados e tratados ou estavam em tratamento no momento do parto.

Tabela 4 - Dados sobre infecções sexualmente transmissíveis entre as adolescentes e adultas, n=400.

Concepção e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)	Grupo 1 (N=182)		Grupo 2 (N=218)		Valor de p
	n	%	n	%	
Você sabe o que são IST?					
Sim	165	90,7	216	99,1	<0,0001
Não	17	9,3	2	0,9	
Conhecimento sobre IST					
Alto	84	46,2	158	72,5	<0,0001
Médio	68	37,4	53	24,3	
Pouco	30	16,5	7	3,2	
Teve diagnóstico de IST?					
Não	23	12,6	27	12,4	0,939
HIV	159	87,36	191	87,61	
Sífilis	2	1,1%	2	0,9%	0,856
HPV	9	4,9%	9	4,1%	0,695
Herpes	1	0,5%	2	0,9%	0,671
	0	0,0%	2	0,9%	0,671

Fonte: Batistussi AF, et al., 2025.

DISCUSSÃO

Os dados apresentados neste estudo revelam alto uso das redes sociais pelas participantes de ambos os grupos, com a mediana maior no grupo 1, entre as adolescentes, sendo um bom indicador para o desenvolvimento de novas estratégias que envolvam tecnologia e uso de redes sociais com o objetivo de melhorar a educação entre mulheres, especialmente, as adolescentes e assim reduzir a gravidez não intencional e a incidência de ISTs, especialmente, nesse grupo. O presente estudo mostrou que as participantes do grupo 1 apresentaram menor renda familiar, menor escolaridade, são menos religiosas e possuem famílias com mais integrantes.

Os dados encontrados corroboram o estudo de Matoba N, et al. (2022), que calcularam as taxas e os riscos de nascimentos na adolescência de acordo com a raça, idade materna e ambiente econômico do bairro ao longo da vida, identificando que para qualquer raça, as mulheres com menor poder aquisitivo tiveram maior risco de gestações na adolescência. Ainda se assemelha ao estudo realizado no Rio Grande do Sul, que identificou que puérperas com uma menor faixa etária, cor da pele preta, vivendo sem o parceiro, com maior número de familiares na moradia, com menos estudo e renda familiar, com maior número de partos e que possuíam o vício no tabagismo, apresentaram as maiores razões de prevalência ao não planejamento da gravidez (LILIS CF, et al., 2023).

Contempla-se ainda um estudo realizado na África subsaariana, foi reportado que os determinantes da gravidez na adolescência estão associados a fatores religiosos, casamentos precoces, baixo nível de educação e pobreza (YAKUBU I e SALISU WJ, 2018). Foi observado que o acesso à internet foi praticamente universal em ambos grupos estudados, dado que mais de 95% das participantes declararam ter acesso. A escolha pelo uso das redes sociais variou de acordo com a faixa etária das participantes. As redes mais utilizadas foram o WhatsApp e o Facebook pelas participantes do grupo 1, enquanto o Instagram foi mais popular entre as participantes do grupo 2.

É impressionante notar que ambos os grupos relataram passar mais de 400 minutos (6,6 horas) por dia usando o celular, sem diferença significativa entre as adolescentes e as mulheres adultas. Tais dados diferem parcialmente de um estudo realizado na Itália (2022) com 347 participantes entre 14 e 19 anos, onde o WhatsApp e o Instagram foram as redes mais usadas, e o Facebook se tornou mais popular à medida que a idade avançava. Além disso, as jovens italianas passavam em média cerca de 335 minutos (5,58 horas) online por dia (TREMOLADA M, et al., 2022). Provavelmente, o fato de se ficar tanto tempo online poderá prejudicar o desempenho acadêmico e social das adolescentes.

Mais de dois terços das participantes dos grupos 1 e 2 relataram usar as redes sociais online para buscar informações relacionadas à gravidez. Esses resultados são semelhantes a um estudo realizado na Holanda com mulheres grávidas, no qual 77,9% delas utilizaram sites como fonte de informação (VOGELS-BROEKE M, et al., 2022). Embora seja satisfatório que se busque tais informações, é preocupante dada grande quantidade de informações incorretas presentes em sites disponíveis no âmbito da internet e difícil saber filtrar os sites confiáveis. Uma estratégia a ser adotada poderia ser, os profissionais de saúde indicarem para as mulheres os sites mais confiáveis para consulta e esclarecimento de dúvidas em relação aos métodos contraceptivos, ISTs e outros aspectos ligados à área de sexualidade.

Sobre a frequência da exposição sexual nas redes sociais, chama a atenção que mais de 30% das participantes em ambos os grupos relataram já ter enviado fotos íntimas (nudes) via celular. Uma pesquisa realizada pelo projeto Caretas, que estudou quase um milhão de jovens entre 13 e 25 anos em alguns países, revelou que quase metade deles já praticou sexting ("sex" sexo e "texting" envio de mensagens de texto) ou discutiu sobre o assunto (UNICEF, 2019). Observou-se que em 73,1% dos casos, a gestação não estava nos planos das participantes do grupo 1, assim como para 56,9% das participantes do grupo 2.

Estudo realizado entre 2007 a 2018 em Gana, Guiné-Bissau, Etiópia, Uganda e Bangladesh, reportou que 40% das gestações foram indesejadas (YARGAWA J, et al., 2021). Por outro lado, a maioria das participantes do grupo 1 declarou alto conhecimento de métodos contraceptivos, embora significativamente menor que as participantes do grupo 2, corroborando o estudo de Bitzer J, et al., 2016.

A menarca e a sexarca ocorreram em idades significativamente menores no grupo das participantes do grupo 1, estando de acordo com outros autores que mostraram a mesma proporção na região Centro-Oeste do Brasil (CEZIMBRA GSS, et al., 2020). É muito provável que quanto mais cedo se inicia a vida sexual, maiores riscos relacionados à imaturidade e falta de conhecimento estará exposta tal jovem. Nessa pesquisa, foi questionado se a participante pensou em realizar o aborto. Entre as participantes do grupo 1, 17,6% responderam que sim, valor significativamente maior que entre as participantes do grupo 2. Estudo realizado em Gana com 54 participantes mostrou que as adolescentes, ao saberem da gestação, tiveram reações quase sempre descritas como negativas e se iria continuar ou optar pelo aborto, sendo esta a mais desafiadora das frustrações com a qual essas adolescentes têm de lidar (BAIN LE, et al., 2020).

Quanto às ISTs diagnosticadas na gestação, não se observou diferença significativa entre os grupos estudados. Em relação à sífilis, observou-se alta prevalência entre as participantes, em que cerca de 1:20 testaram positivo para doença. O número de casos é maior que o reportado na cidade de Curitiba – PR e no Brasil (MOROSKOSKI M, et al., 2018). Em 2021 a taxa de detecção de sífilis em gestantes por 1.000 nascidos vivos no Paraná foi 22 casos. No Brasil, observou-se uma taxa de detecção de 27,1 casos/1.000 nascidos vivos, sendo tal número 12,5% superior à taxa observada no ano anterior (BRASIL, 2022c). Sem dúvidas, sífilis é uma grande preocupação de saúde da gestante em nosso País, independente de idade, região do Brasil ou outros fatores e precisamos de um olhar atento quando falamos dessa IST.

Este estudo possui algumas limitações, sendo que uma delas se refere ao delineamento escolhido para a pesquisa. Um estudo transversal, tem caráter observacional e investiga toda a situação de exposição e doença em um único momento. O encontro com as participantes foi feito apenas uma vez e ocorreu durante o período de hospitalização, no pós-parto imediato, o que pode ter gerado um problema, pois muitas mudanças fisiológicas, emocionais e psicológicas ocorrem nesse período e podem ter afetado as respostas. Uma outra limitação importante de se destacar é o tempo que foi coletado os dados versus o ano que estamos no presente momento.

A coleta dos dados ocorreu entre 2020 e 2022 e ao longo do tempo é natural que haja a mudança da escolha das redes sociais devido a popularização de algumas em detrimento do desuso de outras. Exemplo disso é o Facebook ser o mais usado pelas adolescentes da época da coleta. Importante destacar que o estudo teve esse cenário no ano de 2022 e que no presente momento em 2025 a escolha das redes sociais pode ser diferente. O ponto forte deste estudo é seu desenho quantitativo, que permitiu a obtenção de dados numéricos e percentuais. Os dados indicam que a internet pode ser uma fonte de informação e uma aliada importante no trabalho de conscientização, prevenção e promoção da saúde das mulheres, sejam elas adolescentes ou adultas.

CONCLUSÃO

O estudo revelou alto uso de redes sociais por meio de dispositivos móveis, chegando a quase oito horas por dia tanto no grupo de mulheres adolescentes como entre as mulheres adultas. Ambos os grupos declararam ter amplo acesso à internet e conhecimento sobre os métodos de contracepção e definição e prevenção de ISTs, apesar de termos encontrado uma alta prevalência de casos de sífilis em ambos grupos. Como forma de entender o uso das redes sociais, observou-se que, mais de 1/3 das participantes adolescentes e adultas já chegaram a enviar fotos íntimas (nudes) pelos seus celulares em redes sociais. Diante desse cenário, os dados indicam que as redes sociais podem ser uma importante fonte de informação e uma grande aliada no trabalho de disseminação de conhecimento para a promoção e prevenção da saúde das mulheres em todas as faixas etárias.

REFERÊNCIAS

1. ALHASSAN RK, et al. Determinants of use of mobile phones for sexually transmitted infections (STIs) education and prevention among adolescents and young adult population in Ghana: implications of public health policy and interventions design. *Reprod Health*, 2019; 16(1): 120.
2. BAIN LE, et al. Decision-making preferences and risk factors regarding early adolescent pregnancy in Ghana: stakeholders' and adolescents' perspectives from a vignette-based qualitative study. *Reprod Health*, 2020; 17(1): 141.

3. BITZER J, et al. On behalf of the GLOBAL CARE (Contraception: Access, Resources, Education) Group. Targeting factors for change: contraceptive counselling and care of female adolescents. *Eur J Contracept Reprod Health Care*, 2016; 21(6): 417–30.
4. BRASIL. 2022a. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Boletim Epidemiológico de Sífilis. Número especial. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2022/boletim-epidemiologico-de-sifilis-numero-especial-out-2022>. Acesso em: 8 nov. 2024.
5. BRASIL. 2022b. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/dezembro/arquivos/boletim_hiv_aids_-2022_internet_24-11_finalizado.pdf. Acesso em: 8 nov. 2024.
6. BRASIL. 2022c. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Boletim Epidemiológico de Sífilis. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/dezembro/arquivos/boletim_hiv_aids_-2022_internet_24-11_finalizado.pdf. Acesso em: 8 nov. 2024.
7. CETIC. CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. 2021. TIC Kids Online Brasil 2021: 78% das crianças e adolescentes conectados usam redes sociais. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/tic-kids-online-brasil-2021-78-das-criancas-e-adolescentes-conectados-usam-redes-sociais/>. Acesso em: 8 nov. 2024.
8. CEZIMBRA GSS, et al. Increased vulnerability to pregnancy and sexual violence in adolescents with precocious menstruation. *Int J Reprod Med*, 2020; 1–5.
9. COSSÍO-ARANDA JE, et al. Pregnancy in teenagers with heart disease. *ACME*, 2020; 90(1): 3975.
10. DECKER MJ, et al. Evaluating the effectiveness of an intervention in te grating technology and in-person sexual health education for adolescents (In the know): protocol for a cluster randomized controlled trial. *JMIR Res Protoc*, 2020; 9(8): 18060.
11. FRANCISCONI CAJ e TORRES EC. Gravidez na adolescência um problema social. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Artigos. 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_geo_artigo_cristiane_aparecida_jonas.pdf. Acesso em: 8 nov. 2024.
12. LELIS CF, et al. Gravidez não planejada no extremo Sul do Brasil: prevalência, tendência e fatores associados. *Cien Saude Colet*, 2023; (257).
13. MARTINS MV, et al. Adolescent internet addiction - role of parental control and adolescent behaviours. *Int J Pediatr Adolesc Med*, 2020; 7(3): 116–20.
14. MATOBA N, et al. Teen birth across generations among non-latino whites and african–american women: the effect of race and neighborhood income. *Matern Child Health*, 2022; 26(7): 1584–93.
15. MOHAMAD SHAKIR SM, et al. Online STI information seeking behaviour and condom use intentions among young Facebook users in Malaysia. *Health Promot Int*, 2020; 35(5): 1116–24.
16. MOROSKOSKI M, et al. Perfil de gestantes adolescentes diagnosticadas com sífilis em Curitiba-PR. *R Saúde Públ Paraná*, 2018; 1(1): 47–58.
17. PINDAR C, et al. The role of reproductive autonomy in adolescent contraceptive choice and acceptance of long-acting reversible contraception. *J Pediatr Adolesc Gynecol*, 2020; 33(5): 494–9.
18. TAMARIT A, et al. The impact of adolescent internet addiction on sexual online victimization: the mediating effects of sexting and body self-esteem. *IJERPH*, 2021; 18(8): 4226.
19. TREMOLADA M, et al. Social networking in adolescents: time, type and motives of using, social desirability, and communication choices. *IJERPH*, 2022; 19(4): 2418.
20. UNICEF. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. 2019. Adolescentes e o risco de vazamento de imagens íntimas na internet. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/1671/file/Adolescentes_e_o_risco_de_vazamento_de_imagens_intimas_na_internet.pdf. Acesso em: 8 nov. 2024.
21. VOGELS-BROEKE M, et al. Sources of information used by women during pregnancy and the perceived quality. *BMC Pregnancy Child birth*, 2022; 22(1): 109.
22. YAKUBU I e SALISU WJ. Determinants of adolescent pregnancy in sub-Saharan Africa: a systematic review. *Reprod Health*, 2018; 15(1): 15.
23. YARGAWA J, et al. Pregnancy intention data completeness, quality and utility in population-based surveys: EN-INDEPTH study. *Popul Health Metrics*, 2021; 19(1): 6.